



["Candelária" da Trupe Investigativa Arroto Cênico](#)

📷 Foto: Flavio Europa

✂️ Edição: @freelipe_ds

📅 4 22 de Julho de 2023

📌 Estação Cultura

Dia 23 de julho de 1993, há 30 anos atrás, ocorreu um assassinato de jovens negros no Rio de Janeiro, a chamada Chacina da Candelária, na mediação da famosa Igreja Matriz de Nossa Senhora da Candelária. Oito jovens em situação de rua foram assassinados. Os acusados pelo crime eram ou já foram policiais militares (funcionários públicos, portanto, a cargo de exterminar pobres), e nenhum deles foi preso, ainda que alguns tenham sido condenados. Um exemplo clássico do que Achille Mbembe chama de *necropolítica*, quando o Estado promove a eliminação sistemática de corpos indesejados.

As reflexões sobre esta atrocidade típica de países afro-diaspóricos são parte da peça *Candelária*, vencedora do “Prêmio Especial do Júri” e da distinção “Melhor Ator Coadjuvante” para o ator Jonathan Silva no 7o Festival Nacional de Teatro de Passos e região. A direção ficou a cargo de Madson Vilela, e o texto é de Karla Muniz Ribeiro, ambos

em cena ao lado de Jonathan Silva e Marlon Souza. O grupo pertence à Trupe Investigativa Arroto Cênico, de Nova Iguaçu (RJ), criada em 2015 por Eric de Moraes. Uma equipe de luz, som e efeitos com gelo seco garantiu a boa encenação.

O texto reivindica o direito à infância entre crianças negras, fase da vida roubada após viverem momentos de trauma. Quando conhecemos o que significou a história das famílias negras brasileiras, sabemos seu sentido desde o sequestro e a separação em África, a travessia atlântica, o trabalho forçado, o apagamento das identidades e o desmerecimento social no Brasil. Cantos em iorubá, toques de berimbau e percussão pontuam o relato cênico como formas de afirmação da cultura afro-brasileira. Vincular a infância e juventude, ceifadas pelas vítimas da Candelária, com a questão racial é uma fórmula narrativa de grande potencial e a Trupe procurou explorar esse entrelaçamento em seu texto cênico.

Um tom de brincadeira, portanto, atravessa o enredo, a começar pela performance inicial. Cobertores de estopa ao chão e no centro do espaço cênico ocultam os atores, enquanto o público busca seu assento. O ambiente, sob sons de atabaque e com névoa de gelo seco, remete ao pós-chacina. Karen evoca a data, e alguns nomes de jovens assassinados em 1993. Até que os/a artista se levantam de alguns cobertores, explicitando que se tratava de um esconde-esconde seguido de pega-pega, mas a projeção de luz vermelha não faz perder a gravidade da encenação. Um dos personagens ressalta a negritude dos mortos, lembra da chegada dos “canas” (policiais militares) e o grupo recorda alguns nomes das vítimas. Os diálogos coloquiais remetem a jovens em situação de rua, e o quarteto usa roupas remendadas para remeter ao contexto.

O ano de 1525 foi o mote para se referir ao início da escravidão atlântica nestas terras de Santa Cruz. Em certo momento, conta-se a história de duas irmãs, Yao e Maria Esperança separadas pela escravidão, uma mantida num porto de Benin, outra batizada e com a identidade alterada ao sobreviver à transposição para a América. A história, contada por familiares do personagem, lembra o enredo do livro *O caminho de casa*, de Yaa Gyasi, 2016 (remete a Gana e Estados Unidos da América). Na peça, para contar a trajetória das duas irmãs, o ator usa dois pedaços de pano verde como se fossem brinquedos, tal como são feitas as bonecas negras.

Em outro momento, o grupo combinou de simular o Congresso Universal das Raças, ocorrida em Londres, no ano de 1911. O diálogo central seria entre o representante brasileiro, o médico e cientista João Batista de Lacerda, e um imigrante italiano. A cena é bem humorada, com papéis alternados entre Madson e Karla, e discorre sobre o projeto de miscigenação brasileira com imigrantes europeus até que, em cem anos, todo traço da

presença física de pessoas negras estaria desaparecido. O embranquecimento da sociedade nacional foi um projeto das elites nacionais, ao constatarem nos anos 1870 a maciça presença de africanos/as e descendentes, advindos da escravidão. Meio e raça foi o binômio que intelectuais exploraram para explicar o “atraso” do Brasil frente às nações ocidentais “civilizadas”. Os atores fizeram algumas piadas com esse evento de 1911. Uma delas foi dialogar com o público, em sua maioria branco, a respeito desse projeto. Ao mencionar a condição socioeconômica de João Batista de Lacerda, um ator brinca que ele tinha fazendas em Xerém (bairro de Duque de Caxias, RJ) e em Passos (MG), onde a peça estava sendo encenada. Os risos do público podem se remeter à condição agrícola da cidade. A encenação do evento tem brincadeiras com os idiomas europeus.

Ao final da encenação, os atores se deitam ao centro uns sobre os outros, cantando a cantiga popular e infanto-juvenil “Se essa rua fosse minha”. As luzes se apagam gradualmente, potencializando a emotividade da cena. Os jovens representados pela Trupe voltaram ao lar, em situação de rua, como se fechasse uma parte um ciclo do cotidiano dessa população que, aliás, vem aumentando na cidade. Um ciclo que liga 1525, 1911, 1993 e hoje. A peça é, portanto, um manifesto contra o racismo estrutural, e convida o público a compreender e agir contra o cotidiano violento que as pessoas negras vivenciam contra a sua vontade.